PQ9697
.M235
D3
1929

manoel maia junior

# da tristeza resignada

...

poemas - rio - mcmxxix

00004329042

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9697
.M235
D3
1929

RC
C

manoel
m a i a
junior

PQ9C97
.M235
D3
1929

# da tristeza resignada

...

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
PROPERTY OF
LIBRARY
AT CHAPEL HILL

poemas
r i o
mcmxxix

retrato

Somente agora, dois annos e tanto decorridos sobre a sua morte, me é dado com o valioso concurso da "Editorial Anta" lançar á publicidade o livro que deixou Manoel Maia Junior. Tinha dezoito annos, ainda um menino grande, de idéas tristes e delicadas, com largos olhos verdes, cabelleira loura e uma cicatriz enorme, esfeando o rosto bom. Era estudante da Faculdade de Direito, onde cursava, em 1926, o terceiro anno. Morreu por uma tarde derramada de luz, elle, o amante das tardes grandes e luminosas. Entrou na fileira dos mortos com a sua

immensa resignação de cada instante.

Durante seis mezes, crucificado no leito, do alto do seu calvario anonymo, até onde não chegava sequer o alarido da turba de uma jerusalém, espiou diminuirem as aguas do rio da sua vida, aguentando entre os labios esbraseados a alma, amarga como uma esponja de fel.

Ia vel-o sempre. Perguntava pelo mundo. Interessava-se. Dissertava. Sua philosophia sã,

serena, endolorada, arrimava-o. Soffria medonhamente. Muito magro e debil ; em cada parte do corpo uma escara se abria para incommodal-o mais. Não perdeu nunca a serenidade ; apenas, minutos antes de expirar, teve uma pequena queixa, erguendo os braços escalavrados em busca de um apoio, entre as lagrimas de suas tres irmãs incansaveis e dos Paes alanceados : "Minha Mãe, que horror !"...

Na Faculdade era uma sombra compassiva e boa que, para

cada intelligencia lucida, se abria em revelações. De uma cultura invulgar, nunca a alardeou entre as paredes envelhecidas do velho casarão. Passeava, em meio á fatuidade algazarreira dos collegas, o seu sorriso doloroso de predestinado, a conversar com uns raros eleitos de sua predilecção, deslumbrando pela belleza do que dizia e pela sua immensa humildade.

Espirito repousado, dado a longas leituras e pacientes investigações, publicou aos deze-

sete annos : **Refutações e estudos da lingua portuguêsa,** consagrado pela critica.

Deixou este livro entre os seus papeis, livro que vae agora para o grande scenario esperar a sua hora de vida e de julgameuto. Manoel Maia Junior, viveu todo, commovidamente, o nos seus minimos, detalhes. Dias antes de morrer, ainda escreveu os seus ultimos poemas... Um apenas ficou por escrever. Nazareth, a irmã que mais o acompanhava, não o quiz copiar porque achava o titulo muito triste:

**A caminho do Cemiterio...** Ah! esse poema, bem que o ouvimos, eu e seu amargurado Pae, naquella tarde clara em que o levamos a enterrar, bem que o ouvimos...

Elle ficou num alto, voltado para o mar que tanto o deslumbrava, esperando com a sua alma de crente, o trombetear dos anjos do Senhor para a redempção de todos os irredimidos.

Não é mais que uma apre-

sentação commovida isto que estou escrevendo á entrada do livro de Manoel Maia Junior. A simples lembrança do bem que elle me quiz e do quanto soffreu, trava-me a penna e me enche os olhos dagua.

Que este livro viva a sua hora de consciencia dentro das correntes litterarias do momento brasileiro, como flôr de soffrimento e de tristeza resignada.

cardillo filho

1 9 2 9

## da tristeza resignada...

nocturno
fim de infancia
pagina em branco
irman
collegial
adolescente
sentimental
dia dos mortos
apparição
do amor
a sós commigo...
na sombra...
destino
pintura enferma

interior

biographia

solidão

de uma voz...

noite egual

passa tempo

bohemia

deante da vida...

saudade

scena urbana

domingo

convalescente

crianças

o menino feio

diluvio

meninos orphãos

meninos negros

imagem
alma verde
genese
do amor e da morte
procura final

## nocturno

Silencio.

Uma luz verde e fria
desce do lampeão pensativo
e se afunda na vidraça.

No meu quarto enlutado
todas as cousas estão dormindo.
As horas passam de vagar, recurvas...
Para esquecel-as rememoro o dia.

Manhan cedo. Jardins. Tanques de agua fria.
Os homens todos são meninos...
E vão crescendo. Meio dia commercial.
O dollar subiu... subiu...
e do alto, do céo, illumina a terra.
Injustiças. Greves. Revoluções bolshevistas.
Fim vermelho de tarde.
A morte apparece, vestida de negro, faiscante de pedrarias...
De volta aos lares, unanimemente,
todos os homens são felizes...
(As noites compensam os dias...)
Felicidade honesta. Felicidade simples.
Pobre. Burguesa. Mulher e filhos.

No meu quarto sombrio
todas as cousas estão dormindo.

Esse olhar verde e frio
que espia na vidraça
põe-me nalma um arrepio...

Azul. Roxo. Amarello chamma.
Iucendio. Labaredas ébrias cirandam.
Cheiro de alcool queimado.

Faço eu mesmo o café. Tomo-o só. E converso commigo...

## fim de infancia

Lá fóra havia uma algazarra de alegria...
Gritos. Saltos. Exercicios
gymnasticos de atletas meninos.
Somente eu ficava entre os meus livros,
lendo sem ler, absorto em não sei que profundos pensamentos...

Alguem perguntou-me, então, porque eu era assim triste.
Eu sorri.
E quedei silencioso.
Nem eu mesmo sabia porque era assim triste.

A primavera ria, florida, e cantava
nas planicies, nos montes,
pela voz das aguas, das folhas, dos passaros,
de todas as vozes que entoavam alto
a alegria da natureza.

Somente eu era mudo, parado e indifferente
á terra contente e florescente...
Os meus olhos eram tristes. E a minha bocca. E as mãos...
Todo o meu corpo era triste, e a minha alma...

Alguem perguntou-me, então, o motivo de minha tristeza.

Eu sorri.
E quedei silencioso.

Eu possuia um coração. E no coração do meu coração vivia o
[motivo de minha tristesa...

pagina em branco

Gostava muito, infantilmente, de confeitos coloridos.
Chocolate com leite dava-me grande alegria
todas as tardes.
E, uma tarde, elle não trouxe.
Na outra, tambem. Na outra
elle disse que chocolate me fazia mal...
Eu protestei. Elle, então, disse
que o Anjo da Guarda assim se zangava commigo,
e era o Anjo da Guarda quem dava somno ao menino...

(Virava o rosto. Acariciava-me...)

## irman

Havia na aldeia
um rio, um campanario
e uma pastora feia.

Tão bôa, tão simples, tão meiga
a pastora...
Mas... era feia.

As outras cantavam cantigas de amor.
A pobre pastora, calada, sorria...

Sorria de dôr.
Cantava sosinha, distante da aldeia.
Somente ella ouvia os cantos que cantava.

Tão meiga, tão simples, tão bôa, a pastora...

## collegial

Num intervallo, postos em liberdade,
os collegiaes adolescentes
confiam-se mutuamente
as aventuras da sua edade.

O primeiro começa. Sem escutar o fim,
o outro cria imprevistos que impressionem mais.
Risos eguaes e deseguaes.
Indifferente, fica muda a alma penada que há em mim...

Cada um conta uma aventura
mysteriosa...

Ao meu lado, o derradeiro principia.
O derradeiro vae terminar.
Acaba. E' a minha vez, agora.
E eu não tenho nenhuma historia para contar...

## adolescente

– Dize-me, sò a mim, em que é que tanto pensas?

Sobre um céo côr de opala
urubús moveis, cabeças
verdes de arvores pensativas...
e o perfil de uma montanha.

Estava assím, de olhar perdido...
sem mesmo dar sentido

á tarde que baixava
sobre a terra e sobre mim...

quando ella entrou. E sua voz indagou
maternal, mais de zelo que de curiosidade:

— Dize-me, só a mim, em que é que pensas tanto?

## sentimental

Uma vaga tristeza, sem motivo,
se apodera de mim...

A terra illuminada, o verde, o vento
lento, admirando a paisagem...
nem uma nuvem no céo
e, no entanto, eu estou triste...

Sem motivo. E' a sombra do meu corpo
guardada nelle, há muito tempo recolhida

e que me envolve a alma...
Ou a pena instinctiva
das humildes pequeninas grandes dores
sem consolo, á porta do meu quarto...

talvez. Não sei. E', porem, sempre assim:
nos momentos de calma em que, sereno,
ólho a vida, como um ser já não vivo
e sem ninguem...

toma conta de mim
uma vaga tristeza sem motivo...

# dia dos mortos

Nossa Senhora dos Adolescentes:
hoje é dia dos mortos e é de ti que eu me lembro
a ouvir os sinos
evocantes... revendo o internato,
a capella, os vitraes e o altar,
onde me deslumbravas...

Hoje, todos têm umas lembranças
para lembrar...

todos têm uma reza, a alguem no céo,
para rezar...

E a mim somente,
Nossa Senhora dos Adolescentes,
inda appareces linda
(tão linda que tive medo de te olhar)
coroada de rosas, coroada de luzes,
vestida só de incenso...

como num dia...
como no triste dia
de finados
da minha infancia...

## apparição

adolescente. Da minha edade.
Tinha os olhos ingenuos
e claros... os cabellos lisos.
Tinha os hombros envergados...

Appareceu num fim de tarde.

E tão bôa...
que ao me vêr, instinctivamente,
offereceu-me piedade...

## do amor

Foi bem melhor teres morrido,
deixando em mim essa tortura
e esse consolo de
jamais te haver possuido.
Foi bem melhor teres morrido...

(Talvez eu nem dissese assim
si, um dia, para mim
alguem houvesse existido...)

## a sós commigo...

Dia azul de verão.
Noite branca de inverno.
Abençoada a poesia
que é toda feita de alegria...

O céo sem ti, estrella de ouro,
seria vasio como o estomago de um faminto.

O céo sem ti, bailarina do espaço,
seria triste como um menino que não tivesse um brinquedo...

Alegria, Alegria, escuta:
daqui, de onde estou, eu vejo
uma cabeça de mulher encovada nas mãos de um esqueleto...

## na sombra...

O sol morreu.
E não há velas accesas no firmamento...

A terra é negra. O céo é negro.
E a vida... Triste, dolorosa
eternidade consciente
da humanidade.
Do universo. Pluralidade dos mundos habitados.

E a tragedia sem ultimo acto da transmigração das almas...

Porque, para que, meu Deus,
esse desejo... essa ansia...
esse infinito soffrimento?...

## destino

Noite de trinta annos.
Noite calada, material, instinctiva,
para os felizes...
Noite de insomnia para mim
e para os infelizes...

Chamo um phantasma. Não vem.
Ninguem.
Só o silencio...

Mas o silencio traz, de não sei onde, aos meus ouvidos,
uns soluços... uns gemidos...
uma voz triste, triste...
uma voz de olhos cheios dagua,
que murmura com doçura
dentro da noite, aos meus ouvidos:

«Reze commigo, meu filho, reze:
Ave-Maria, cheia de graça...»

## pintura enferma

Quarto azul e fechado,
quente e claro de sól através da vidraça.
Na estante côr de vinho
os livros dormem uns sobre os outros,
como bebedos...

Meio dia. Não corre
a mais leve sombra de ar
na estreita immensidade azul
do aposento abafado.

Doente, o adolescente fino dorme.
A cabeça desproporcionada, enorme,
louras ondas altas em tempestade...
E, num delirio verde, abre os olhos...

## Interior

Casa do amor que é só amor...
deserta... vasia...
onde não entra a alegria,
onde não entra a dôr,
vasia... deserta...

Na amplidão branca da sala
há uma eça illuminada a quatro velas...
há uma caixa funebre contendo
intocado, o vestido de uma alma...

Junto, o silencio, noíte e dia, véla...
Silencio: santo e poeta...

## biographia

Longe longinquo de velas brancas enfunadas e urubús aero-
[planos...

Um sol biblico illumina a paisagem,
scenario da eternidade quotidiana.

A subida. O apogeu. O dcclinio. A descida.
O crepusculo. Tudo se apaga.

Anoitece. O meu coração
innocentemente se entristece.

Como um menino de luto.
Uma casa inabitada.
Como o quarto de um doente...

## solidão

tedio.
Edições baratas de livros anemicos
sob a luz melancolica.
Cansaço. Tristeza sem remedio.
Desejo de gritos neurastenicos.
Soluços infantis.
Brinquedos. Navios de papel. Balões coloridos.
Azul claro. Jesus-menino...
E, no silencio, as mãos juntas imploram
ajoelhadas, commovidas, imploram:

Dae-me, Senhor, tranquillidade...
resignação, calma, serenidade...

## de uma voz...

Uma voz de alem tumulo,
sincera, desconhecida,
talvez imaginaría...
uma voz de alem tumulo
uma noite, me disse, mediumnicamente,
que eu era um espirito em provação...
porem, havia de ser muito feliz...

E' bem antiga
a lembrança dessa voz amiga.

E agora, sem saber como, acordou na memoria
bôa, piedosa, consolante...

## noite egual

Sapos. Um grillo.
Apitos policiando o silencio...
O relogio é um ruido monotono, aborrecido.
Duas horas. Somno largo e tranquillo.
Lampeões inoffensivos...
Musica embaladora de latidos, gallos longinquos...
No descampado negro esverdeado
os homens do seculo plantaram
*Vendem-se lotes.*
Bôa noite ! — O guarda nocturno passa

num passo lento, desconfiado.
Psiu ! faça o favor... Então, o senhor...
Eu sou um triste... (Engraçado...
E contar-lhe tudo : a vida, a eterna vìgilia...

Uma casa fechada, illuminada, de madrugada...

# passa tempo

I

Eu sou brasileiro,
alagoano,
estrangeiro...
Porem, eu sou lemuriano...

## II

Eu sou bem moço
e tenho a edade do mundo...
Na encarnação passada
quem teria eu sido ?

# bohemia

De noite, á hora em que todos dormem,
levando os olhos á imagem dos objectos circumstantes,
eu saía, lentamente, sem saber aonde ia.

Vagava...
Já não me lembro do que via
por onde andava.

Mas, na manhan do outro dia
quando os olhos compunham a paisagem de seus habitantes,
vinha com elles a alegria...

E eu me sentia cheio de vida e renascido
como depois de um somno bem dormido...

## deante da vida

Sinceramente o digo :
eu só desejo para mim
a morte, o silencio e o olvido...

Bem junto a mim (mas tão distante...)
ouço uma voz a me chamar.

Os homens passam carregando destinos
eguaes...
As cousas passam carregando destinos

eguaes
aos dos homens...

Fico a olhar...

Sinceramente o digo :
eu só desejo para mim
a morte, o silencio e o olvido...

## saudade

Um enterro.

(Era linda : as mãos, os olhos...
toda ella como si ainda...)

Um automovel fonfonou.

E o homem caminhou
machinal,
ao chamamento da vida...

## scena urbana

(Teria peorado ? Morrido !... talvez)

Automoveis hystericos.
Omnibus. Electricos.

Extendera o braço
para dar a mão.

(Incuravel... Perdido...)

Passou a multidão. Voltou o movimento.

E elle, coitado, parado...
Um tormento...

## domingo

A calma do suburbio.

Janellas abertas. O vento
invade o aposento somnolento
onde os papeis soltos se vão
pelo ar... pelo chão...

A velha biblia, adormecida em minhas mãos, se move
para o outro lado, e adormecida continúa
dentro da capa negra que a envolve.

Encho os olhos de azul. E tenho nalma
a calma do suburbio.

Um silencio...
Ouço uma voz distante...
Como uma nuvem branca, ao longe, passa
evocativo, o enterro de uma criança...

## convalescente

Mirou, remirou,
guardou-o debaixo do travesseiro
e adormeceu.

Ao calor, as linhas todas se apagaram.

Quando o menino despertou,
tendo nas mãos arrependidas
a pequenina massa informe
ah ! foi enorme e tão sentida a sua magua,
que o peixe de prata ficou o dia inteiro
a boiar, a boiar
nos olhos verdes cheios dagua...

## crianças

Em todos os bairos
moram crianças.

E nos bairros pobres
as crianças fazem roda
e cantam...

Velhas crianças...

# o menino feio

Ah ! é tão lindo o meu menino !
a mulher dizia,
acariciando o menino feio.

Elle dormia. Ella sonhava...
Meu pequenino veiu de um país maravilhoso
onde todas as creaturas
são puras... O país da bondade.
O meu filhinho era principe desse país maravilhoso...

Olhava-o, maternalmente, olhava-o
sagradamente, mysteriosamente,
e, de corpo e de alma, o abençoava.
Nesse enleio ella ficava o tempo em que elle dormia.

Dormindo, era lindo.

E a mulher dizia, e dizia,
acariciando o menino feio :
Ah ! é tão lindo o meu menino !...

## diluvio

O quintal todo verde
escurece ao crespusculo...
Lá no fundo, um menino
muito louro, pequeno e franzino
brinca, elle só, com o seu brinquedo.

A sombra desce.
O arvoredo se ennegrece.

E, de repente, veiu a enchente...

As aguas crescem, crescem transbordam,
alagando tudo...
campos, pastagens, populações flagelladas...
A rainha da Hollanda anda soccorrendo
e consolando os infelizes...
Mas o universo todo se inunda
e fica submerso...
Estrellas afogadas desapparecem.
Outras se debatem...

O menino enxuga os olhos
cheios de medo.
E o mundo, são e salvo, continuou seu caminho...

# meninos orphãos

A bondade. A morte.
Ellas mantêm os orphanatos.

O enterro sáe pobremente
num carro de segunda classe
lento, lentamente se afastando, longe
dobra, desapparece dos olhos
vermelhos, tremulos, dos que ficaram
— os mais velhos
e as crianças inconscientes...

Madrugada. Antes de vir o dia,
lá vão levando os pobres meninos...
Os outros, tristes. Elles sempre contentes.

O orphanato se enche.
O pateo immenso está cheio de alegria.
Brincam, brincam... Apostam corridas.
Queda.
*Mamãe...*
As irmans attendem.
E o menino volta aos pulos, rindo...

## meninos negros

Elles são meus vizinhos
e vêm, todos os dias, á rua em que eu habito,
pequena e tranquilla,
entre o bonde civilização e o morro do descobrimento...

Pequeninos corpos negros
nascidos sob o sol da Africa
e trazidos, um dia, em barcos aventureiros
para o Brasil colonial,
pequeninos corpos negros:
as vossas almas serão impuras?

Elles vêm, todos os dias,
encher a rua de correrias
de risos brancos e latas vasias.

Pedem agua, ás portas.

Meninos negros,
pequeninos penitentes...
si acaso lhes derem pão,
elles voltarão mais contentes...

# imagem

O mundo se illumina.
Estrellas apagadas.
E' noite ainda...

Duas lanternas verdes
allumiando o caminho
deserto.

Um homem vae.

Quando a noite vier,
terá chegado o dia.
E o homem, nesse dia, morrerá de alegria . . .

# alma verde

Não há nada tão triste
na natureza.
Não há pena maior,
nem há dôr mais profunda...

Melancolia das aguas calmas em rumorejos infinitos...
das margens,
das vozes ingenuamente alegres dos passaros meninos...

Tristeza sonora do vento,
da chuva,
das fontes inconsolaveis...

Não há nada tão triste.

Nem as montanhas azuladas, nem o céo, nem as nuvens...
as nuvens alvas como phantasmas...
cinzentas, de chumbo pesadas...
ah ! nem as nuvens
(porque passam... porque as levam... porque se desmancham...)
as nuvens não são tão tristes
como
as arvores...
as tristes arvores resignadas...
as grandes arvores verdes e frondosas
que dão sombra... muita sombra...
e não dão fructo.

## genese

Ah ! é tão differente a historia do mundo !
Ella é tão outra...

Parou. E continuou.

E' bem diverso o conto,
sem principio nem fim, do universo.

Elle era só. E sem ninguem, sózinho,
habitava, Elle só, todo o espaço vasio...

Triste, triste; a vida que Elle levava.
A propria vida; a vida que Elle levava.

Tinha os olhos sem côr,
cegos
e, dentro delles, a immensidade...

Um dia, um dia remoto, um dia longinquo...
perdido na eternidade...
ah ! um dia, o silencio foi tão grande, o silencio...
e a tristeza foi tão profundamente triste...
Então, dos olhos do Divino Solitario
as lagrimas caíram,
dos olhos... azulados, luminosos,
cheios de resignação e bondade...

E as lagrimas rolaram
no espaço,
e se transmudaram
em estrellas...
Os mundos estavam formados.
Os mundos, que hoje são habitados...

## do amor e da morte

Eu sei que elle ha de vir...
por isso a espero todos os dias.

E enquanto os dias se alongam,
meu pensamento se abandona,
horas inteiras, a figurar a imagem
dessa mulher que eu nunca vi.

Ella ha de vir : esta certeza
é o consolo que ainda resta
á minha funda tristeza...

E o dia em que ella víer
será o da minha morte...

(Eu vivo a esperar a Morte...)

## poema final

a alegria do começo
é uma alegria dolorosa
que dá tristeza...

Mas é tão bôa essa historia
e tão diversa
da que vem depois...

Depois... Agora... Essa tristeza
assim resignada...
como alguem cuja sorte fôsse muito desgraçada
e que visse sem tristeza approximar-se a morte...

o fim sem fim...
o fim que acaba
em reticencias negras...

■

benedicto de souza concluio a impressão deste livro em março de mil novecentos e vinte e nove no Rio de Janeiro

■

This book is due at the WALTER R. DAVIS LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

| DATE DUE | RET. | DATE DUE | RET. |
|---|---|---|---|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

EDITORIAL·ANTA